

ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITARIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME I

XLIII

Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.



SÃO PAULO — BRASIL
1973.

A MÃO-DE-OBRA ESCRAVA E ESTRANGEIRA
NUMA REGIÃO DE ECONOMIA CAFEEIRA.
(Uma experiência de pesquisa quantitativa na História
rioclarense — 1875-1930) (*).

JEANNE BERRANCE DE CASTRO
^e
JÚLIA MARIA LEONOR SCARANO
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Rio Claro (SP).

A cultura cafeeira, explorada em bases capitalistas, típico exemplo de riqueza agrícola de exportação, fundamentada desde os inícios na grande propriedade e em numerosa mão-de-obra, irá manter, em parte, tais características no decorrer de sua História em terras paulistas. Os problemas sociais gerados por essa situação, tais como os da mão-de-obra, os do elemento humano que constituíram a força de trabalho no cultivo do café, ainda não foram satisfatoriamente tratados, restando muito a dizer. Outras viagens devem ser tentadas, buscando maiores esclarecimentos a respeito desses tópicos de tão grande interesse. O tema proposto para o *VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História* proporciona valiosa oportunidade de análise de novos métodos para o estudo dessas questões de enorme relevância para o conhecimento de nossa História social.

Em relação à problemática da mão-de-obra, tanto escrava quanto estrangeira, o Município de Rio Claro oferece inúmeros aspectos diversificados que tornam o seu estudo proveitoso e estimulante. Foi nessa região que teve lugar uma não muito bem sucedida experiência de substituição da mão-de-obra escrava pela do imigrante europeu, estabelecendo o sistema de parceria e mais tarde o de trabalho assalariado que obteve melhores resultados. Se, por um lado,

(*) . — Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, Equipe D, no dia 6 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*).

essa zona oferece grande interesse pelo que apresenta de característico no campo das tentativas de soluções econômicas, por outro, Rio Claro não foge de muito ao típico município paulista, o que a nosso ver justifica ainda mais um estudo aprofundado dessa área.

Antes de se transformar em conhecido produtor de café, São João Batista do Ribeirão Claro, a Rio Claro atual, situada a nordeste da capital da Província, alicerçava a sua economia nas fazendas de criar e nas fazendas de cana nos últimos anos do Setecentos e nos inícios do Oitocentos. Essas riquezas prepararam de certo modo a infra-estrutura necessária ao estabelecimento da cultura cafeeira posterior. Provindo de terras fluminenses, o café atingiu a Província de São Paulo, primeiramente Jundiaí e Campinas, logo depois Rio Claro. Por volta da primeira metade do século XIX, essa povoação, na — “boca do sertão” — constituía o ponto extremo em que a cultura do café era compensatória. Economicamente, abrir fazendas mais adiante não era vantajoso pelo alto custo do transporte para o pôrto de Santos, o que onerava demasiadamente o produto. Os Presidentes da Província, interessados na questão, fazem, em seus Relatórios oficiais, contínuas referências às medidas tomadas ou por tomar a respeito da abertura de caminhos e entradas ligando os centros cafeeiros ao pôrto de Santos (1).

Quando, em 1867 a ferrovia atingiu Jundiaí inicia-se a marcha para Oeste, com o café ocupando o primeiro lugar nas exportações nacionais. Um ano antes, Rio Claro situava-se no quarto posto dentre os produtores de café, depois de Indaiatuba, Amparo e Campinas. Sua população era a nona das cidades da Província (2).

A cultura cafeeira, orientada no sentido da exploração comercial do produto, propiciou inclusive o aumento do número de homens de negócio, beneficiadores, comissários e outros, tornando a Província uma exceção, pois, dentre as atividades urbanas é que se recrutavam os elementos dirigentes paulistas, como tão precaramente observou Sérgio Buarque de Holanda em relação ao Primeiro Reinado (3).

(1). — Há abundante documentação a respeito nas *Atas do Conselho da Província de São Paulo*, para os anos de 1824-1829, 1832-1834 e nos *Anais da Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo*. Para maiores informações sobre Rio Claro, consultar o trabalho de Diana M. de Faro Diniz em *A Lavoura cafeeira em Rio Claro na segunda metade do século XIX* (mimeografo). Pesquisa financiada pela FAPESP.

(2). — Diana M. de Faro Diniz, *op. cit.*, p. 7.

(3). — Sérgio Buarque de Holanda, *As Províncias do Sul — São Paulo*. In *História da Civilização Brasileira — Brasil Monárquico*, 2º vol., t. I, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964, p. 432. Jeanne Berrance de Castro. *O “Povo em Armas”. A Guarda Nacional 1831-1850* (mimeografado), constatamos que nos alistamentos para a Guarda Nacional desse período, há uma relativa igualdade entre as atividades rurais e urbanas, p. 143, Quadro 5.

Esse surto de desenvolvimento exigia uma abundante mão-de-obra. À medida em que economicamente o escravo negro se vai tornando menos rendoso como aplicação de capital em virtude da abolição do tráfico, fazendeiros de visão já haviam começado a trazer trabalhadores estrangeiros. Posteriormente, a campanha abolicionistas, o medo do “haitianismo”, as fugas organizadas e a ativa propaganda agravaram a situação dos proprietários. As sucessivas levadas de imigrantes para a Província paulista possibilitou que fôsse contornada a crise econômica que iria atingir algumas áreas do país.

A presença desses estrangeiros, recém-chegados, com ambições de afirmação social e econômica irá ocasionar numerosas situações de tensão ao entrar em choque com a mentalidade tradicional e escravista dos fazendeiros, especialmente quanto aos problemas e à situação dos trabalhadores. Essas questões sociais, aumentadas pela presença do escravo que trabalhava ao lado do homem livre são magnificamente descritas por Thomaz Davatz (4), que sofreu pessoalmente essas pressões e por J.J. von Tschudi, que aqui veio como observador oficial para dar contas da verdadeira situação dos colonos (5).

Os problemas surgidos com esse sistema de parceria terminam por levar os fazendeiros à procura de novas soluções. Uma delas foi o estabelecimento do sistema de trabalho assalariado, pois, ao menos aparentemente possibilitava o enriquecimento do colono estrangeiro. Há explícita referência ao trabalho assalariado na Relação das profissões do Município de Rio Claro, no Recenseamento de 1872 (6).

O imigrante europeu, substituindo em parte a enxada pelo arado (7) introduziu outras técnicas, nem sempre eficazes, uma vez que, o meio geográfico e nossas condições de trabalho eram muito diversas das de seus países de origem. Com a adoção da maquinaria para o beneficiamento do café, tomou redobrado vigor a agricultura paulista, acrescida de medidas governamentais de política interna, como isenção de impostos a fazendeiros que introduzissem novas técnicas, e fundação de sociedades agrícolas e outras.

(4). — Thomaz Davatz, *Memórias de Um Colono no Brasil, 1850*, (São Paulo: Martins, 1941).

(5). — J. J. Von Tschudi, *Peregrinações pela Província de São Paulo, 1860*, (São Paulo: Martins, 1953).

(6). — *Recenseamento de 1872*, pp. 357-363.

(7). — Mal. D. P. Müller, *Ensaio Estatístico de um Quadro da Província de São Paulo* (São Paulo: Typ. Costa Silveira, 1938) p. 18, afirmava que nos subúrbios das vilas de Itú e São Carlos já se lavrava com o arado.

Posteriormente, a fragmentação das grandes propriedades e sua compra por um ou vários indivíduos, muitas vezes imigrantes ou seus filhos, como aconteceu com a fazenda Ibicaba e outras da região, constituem fatos que se repetiram em quase todos os nossos municípios. Isso foi possível porque para a exploração agrícola do café o latifúndio não é indispensável e o beneficiamento e outros trabalhos podem ser realizados em lugar diferente da fazenda de cultivo. Por outro lado, o pequeno proprietário, além do café, cultivava cana e outros produtos, muitos dos quais de consumo local, chegando em alguns casos a transformar-se em fazendeiros de projeção.

Tanto o prêto como o imigrante, sobretudo o de origem europeia, uma vez que estes foram os mais antigos e numerosos grupos que demandaram o local, nela deixaram marcantes sinais de sua presença. Constituindo a parte mais pobre da população, eles formam o que se pode realmente chamar o núcleo principal da mão-de-obra: aqueles que cultivaram a terra ou realizaram misteres humildes. O estado desses grupos pode abrir novos horizontes para o conhecimento das populações de menores recursos econômicos e que, entretanto, foram os principais construtores da riqueza desta região, objetivando o estudo de "l'homme en Société" (8).

Uma das maneiras de realizar tal estudo seria por meio da análise de um tipo de documento que pudesse fornecer dados elucidativos sobre a massa trabalhadora: o exame de *atestados de óbito* responde plenamente a essa finalidade.

A disponibilidade de 14.000 *atestados de óbito* pertencentes ao acervo do Arquivo Histórico (9) nos levou a utilizá-los como base da pesquisa que vimos empreendendo desde o ano de 1970. Usamos primeiramente parte da documentação, ou seja 29,8% num total de 4171 *atestados* pertencentes ao grupo prêto e estrangeiro e seus descendentes mulatos e filhos de estrangeiro. Na presente comunicação utilizamos apenas os documentos referentes aos grupos prêto e estrangeiro, o que representa 89,7% ou seja, 3740 *atestados de óbito* dos 4171 que passaram pelo computador.

Tal massa de documentação não poderia ser trabalhada por meio de métodos tradicionais, nem isso teria sentido. A pesquisa em questão, baseada nesse único tipo de documento *atestados de*

(8). — Pierre Vilar, "Pour une meilleure compréhension entre économistes et historiens. "Histoire quantitative" ou économétrie rétrospective?" *Annales*, t. CCXXXIII (avril-juin, 1965) p. 297.

(9). — Arquivo Histórico do Museu Histórico e Pedagógico "Amador B. da Veiga", à disposição dos pesquisadores e provisoriamente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

óbito — enquadra-se no que é definido nas Estatísticas Vitais (segundo os princípios das Nações Unidas), como “fatos vitais” (10) que, pesquisados e analisados foram elaborados tendo em vista não apenas fatores de ordem quantitativa, mas também qualitativa.

Pela riqueza de informações colhidas nesses atestados que nos oferecem não somente dados de ordem quantitativa, como o número de indivíduos falecidos no Município de Rio Claro num período contínuo, inclusive outras indicações de ordem qualitativa ou seja: côr, idade, filiação, nacionalidade, “causa mortis” e outras. Tratamos somente com óbitos de moradores do Município, não se conhecendo ainda a evasão do óbitos.

O coeficiente de mortalidade constituirá uma pesquisa à parte, pois depende de dados precisos obtidos em comparação com os sucessivos Recenseamentos.

Os estudos de mortalidade no passado tem tido pequeno desenvolvimento, não apenas no Brasil mas também em muitos países. Apenas recentemente é que começaram a despertar atenção. Aliás, obstáculos de ordem material, como a perda de acervos documentais inteiros ou em parte, dificuldade de leitura por motivos vários, assim como, pela diversifisidade de informações a propósito de um mesmo assunto, tem retardado o seu pleno desenvolvimento.

Uma pesquisa de demografia histórica depende sobremaneira da disponibilidade de informações estatísticas sempre difíceis tratando-se de dados do passado onde a precisão não era essencial. É comum encontrar-se anexado a informes de nível estatístico o inevitável “mais ou menos” em documentos antigos, além da relativa escassês de elementos de investigação.

Na América luso-hispânica — pela similitude de problemas como regiões sub-desenvolvidas — os estudos no campo da mortalidade são dificultados ainda mais por óbices de ordem material. A situação dos países americanos ao sul do Rio Grande nem sempre pode ser encaixada no modelo estabelecido pela Nações Unidas, uma vez que foram elaborados para regiões desenvolvidas. Grande parte daqueles estados americanos apresenta ainda hoje sérias dificuldades para análise da mortalidade e suas conotações sócio-econômicas pela insuficiente qualidade e comparabilidade de dados. Ademais, a sua disponibilidade em forma sistemática e coerente é muito nova. Não se pode dissociar a “causa mortis” de fatores de ordem econômica e social. O grande índice de óbitos na infân-

(10). — E. Berquó, M. L. Milanesi e Ruy Laurenti, *Estatística Vital*, 8ª ed., São Paulo: s.e., 1971, p. 1 (mimeografado).

cia no continente luso-hispânico é elucidativo. Restringir os estudos demográficos apenas a aspectos formais que afetam a saúde e a mortalidade, parecem mesmo ultrapassados, conforme se verifica pela leitura do Relatório da última *Conferência Regional Latino-Americana de População* (11).

Nosso propósito foi realizar uma pesquisa baseada em *atestados de óbito* do Município rioclarense abrangendo o estudo do universo global, não só por possuímos essa documentação no Arquivo Histórico do Museu, dentro de uma seqüência cronológica contínua, mas, porque achamos que os resultados seriam mais expressivos do que os fornecidos pelo sistema de amostragem. Dessa forma, preparamos também o material para ser estudado, sob os mais variados ângulos, em trabalhos posteriores.

Esses *atestados de óbito* abrangem um período de cerca de meio século, isto é, de 1875-1930. Consideramos para tal periodização vários fatores:

a). — não existe no município documentação anterior, pois, os registros paroquiais desapareceram (12) e o que temos é o que conseguimos salvar;

b). — 1930 marca a data final dos documentos oficiais administrativos doados por cessão ao Arquivo Histórico do Museu Histórico e Pedagógico “Amador B. da Veiga” (13);

c). — as datas limites encerram um momento histórico significativo na vida paulista;

d). — o tema proposto neste Simpósio enquadra-se perfeitamente nesses limites.

Apesar de tratar-se de um “fundo” da documentação administrativa municipal, proveniente do 1º Cartório de Registro Civil, nem por isso ela é uniforme, não só pelo conteúdo das informações, maneira como foram escritas, como também pela sua procedência. Geralmente, o atestado consta de dois papéis, o de óbito e o de enterramento, o que nos permitiu, algumas vezes, completar as informações na *Fôlha Padrão* que estabelecemos. Em muitos casos

(11). — *Conferencia Regional Latinoamericana de Población*. México: El Colegio de Mexico, 1970 (mimeografado).

(12). — Jeanne Berrance de Castro e J. S. Witter. “Arrolamento das Fontes Primárias de Rio Claro”, *Revista de História*, n. 58 (São Paulo, 1964), p. 441. Estivemos pessoalmente a procura dessa documentação em Rio Claro, e nas Cúrias Diocesanas de Campinas e Piracicaba, onde não conseguimos a menor informação sobre o destino dessa documentação rioclarense.

(13). — “A Organização de um Arquivo Local: uma experiência”, *Revista de História*, n. 62, (São Paulo, 1965), pp. 374-375, onde está transcrita a cópia das Leis e Resolução municipais.

os atestados são fornecidos pelo médico, em seu próprio recetário e certas vezes com a indicação da Universidade onde fez seus estudos. Outras, pelo escrivão do Cartório, o que é mais comum, e outras pelo Delegado de Polícia, quando se tratava de morte violenta e em casos excepcionais, assinados até mesmo por enfermeiro. É comum juntarem-se atestados de pobreza, freqüentemente assinados pelo Vigário ou pelo Delegado, para o enterramento gratuito. Aí, a referência de indigente não tem o mesmo significado de hoje, pois, há casos de indigente-carpinteiro, ou de indigente-trabalhador da roça e isso nos leva a crer que se trate mais de um caso de desemprego ou mesmo de sub-emprego.

Num total de 2170 trabalhadores pretos, escravos, livres e menores, numa percentagem de 52%, encontramos com indicação de profissão definida uma freqüência relativa de pretos escravos nitidamente superior a dos pretos livres, onde a diferença não é tão acentuada. Por se tratar de um tipo especial de documento, atestados de óbitos, a qualificação de profissão não constitui, nesse caso, obviamente, o dado mais importante, conforme se vê pela percentagem de 77,5% de "sem informação", verificável na Tabela e Gráfico I. Além dos escravos que trabalhavam na zona rural havia uma percentagem apreciável de pretos escravos cujos serviços eram alugados em benefício de seus proprietários. A quantidade de indigentes ou desempregados, enfim, de desamparo econômico dos libertos é manifesta.

TABELA I.

Prétos.

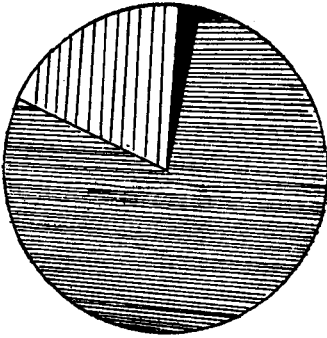
Condição Social e Profissão do Indivíduo.
1875-1930.

Profis. do Indivíduo	Profissões definidas		Indigentes		Sup. total	Não há informação		TOTAL		
	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%
Escravos	210	52,3	1	1	211	42,7	911	54,5	1122	51,7
Livres	190	47,3	91	98,9	281	56,9	686	40,9	967	44,6
Menores	2	0,4	—	—	2	0,4	77	4,5	79	3,6
Sub-total	402	100,0	92	100,0	494	100,0	1674	99,9	2168	99,9
Sem informação	—	—	—	—	—	—	2	0,1	2	0,1
TOTAL	402	100,0	92	99,9	494	100,0	1676	100,0	2170	100,0

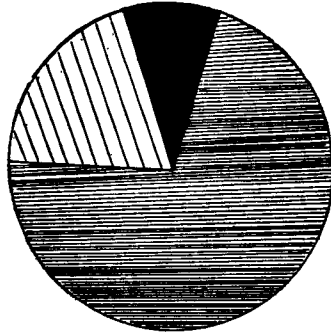
FONTE dos dados brutos: *Atestados de óbito* do Município de Rio Claro Arquivo Histórico do MHPABV.

GRÁFICO 1 - Condição Social e Profissão dos Pretos
1875-1930

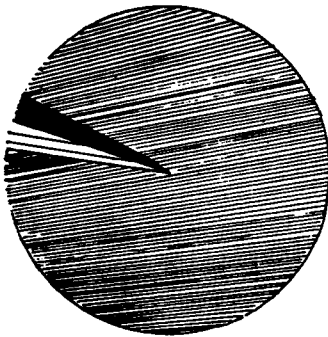
Escravos



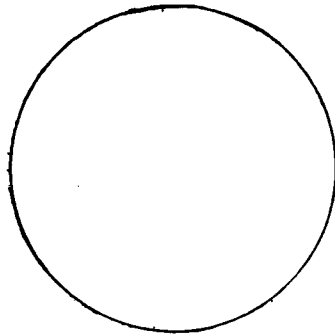
Livres



Menores



Sem informação



Legenda:



- sem informação



- indigentes



- profissões definidas

Dentre os 1570 estrangeiros que estudamos, encontramos informações indicadoras das respectivas profissões de 428 indivíduos, isto é, de 27,3% do total de brancos estrangeiros. Os 25,5% de profissões definidas se contrapõem aos 1,8% de indigentes e constituem um indício de melhor nível de profissionalização dos imigrantes (14). Um dos fatores que pode explicar esta situação é que as pessoas saem de sua terra com o fito de mudar de vida, melhorar sua condição sócio-econômica, aceitando qualquer tipo de trabalho, mesmo os mais humildes, considerando-os uma etapa em sua vida. (A Tabela e Gráfico II exemplifica de forma clara estes fatores). Para o preto a situação era diferente, pois, “o ócio era encarado como a característica do fidalgo”. (Tabela e Gráfico III).

TABELA II.

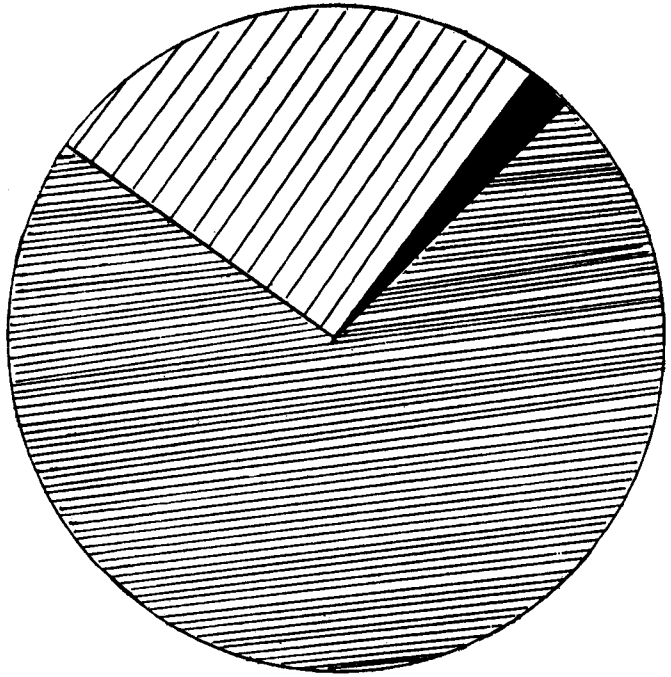
Branco Estrangeiro.
Condição Social e Profissão do Indivíduo.
 1875-1930.

Profs. do Indivíduo	Profissões definidas		Indigentes		Sup. total	Sem informação		TOTAL		
Cond. Social do Indivíduo	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%
Branco Estrangeiro	400	25,5	28	1,8	428	27,3	1142	72,7	1570	100,0

FONTE de dados brutos: IBID.

A proporção entre Brancos estrangeiro e Pretos, tendo em vista as “profissões definidas” é pouco significativa, ao contrário, da proporção que se estabelece entre os “indigentes”, com diferença bastante acentuada como podemos constatar pela Tabela e Gráfico. Em parte essa diferença se deve aos problemas relativos à Abolição e à situação de desamparo em que ficou a população de cor.

(14). — Julia M. L. Scarano, “Considerações preliminares sobre uma cidade de imigração teuto-italiana e os efeitos do segundo conflito mundial” *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História* (Porto-Alegre, 1967). Neste trabalho mostramos que os imigrantes formavam associações de auxílio mútuo, o que de certa forma explica o pequeno número de indigentes.



Legenda



- profissões definidas



- indigentes



- sem informação

GRÁFICO 2 — Profissão dos Brancos Estrangeiros.
1875-1930.

TABELA III.

Pretos e Brancos Estrangeiros.
Condição Social e Profissão do Indivíduo.
 1875-1930.

Cond. Profis. do Indivíduo	Profissões definidas		Indigentes		Sup. total		Não há informação		TOTAL	
	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%
Pretos	402	50,1	92	76,5	494	53,5	1676	59,4	2170	58,0
Branco Estrangeiro	400	49,9	28	24,5	428	46,5	1142	40,6	1570	42,0
TOTAL	802	100,0	120	100,0	922	100,0	2818	100,0	3740	100,0

FONTE de dados brutos: IBID.

A diversidade de informações, falta de precisão em alguns casos, sobretudo na determinação das *causa mortis*, são fenômenos também atuais (15). Se por um lado, nesses documentos do século XIX falta uniformidade, os do século XX, formulários impressos, são muito mais pobres de informes de caráter social.

Para manipulação desses dados numa análise quantitativa e qualitativa e visando sobretudo a preservação física do documento elaboramos uma *Fôlha Padrão* (16), tendo em vista a diversidade das informações fornecidas pelos atestados. Esses elementos nos proporcionaram uma visão das condições de vida da camada mais humilde da população, uma vez que, nosso objetivo é conhecer a situação da mão-de-obra preta e estrangeira do Município de Rio Claro. Ocupados sobretudo em misteres rurais ou em modestos trabalhos urbanos estavam expostos a um alto coeficiente de doenças e de óbitos decorrentes das precárias condições de higiene e saúde pública, bem como das penosas condições de trabalho. Assim, é elevado o índice de falecimentos durante a vida adulta, isto é, na fase produtiva, que situamos na faixa etária de 15 a 60 anos, não ape-

(15). — Vide reportagens sobre Mortalidade Infantil, como primeiros resultados da pesquisa da Organização Pan-Americana de Saúde, com dados fornecidos pelo Dr. Ruy Laurenti, responsável pela cidade de São Paulo, *O Estado de São Paulo*, 27-5-1971 e 29-5-1971. Também o *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) 11-8-1971, fez uma longa reportagem de três fôlhas sobre o problema da mortalidade infantil em Cantagalo (Estado do Rio) com dados semelhantes aos que encontramos na documentação rioclareense e que será objeto de futura publicação a respeito.

(16). — Em Anexo.

TABELA IV.

**Óbitos de pretos e brancos estrangeiros.
Condição Social do Indivíduo e Faixa Etária.
1875-1930.**

Faixa Etária	0-10		10-15		15-60		60-		Sub-total		Não há informação		TOTAL	
	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%	nº obs.	%
Cond. Social do Indivíduo														
Prêtos	919	68,3	33	50,7	656	45,3	373	56,9	1981	56,3	189	83,6	2170	58,0
Branco Estrangeiro	427	31,7	32	49,3	792	54,7	282	43,1	1533	43,7	37	16,4	1570	42,0
TOTAL	1346	100,0	65	100,0	1448	100,0	655	100,0	3514	100,0	226	100,0	3740	100,0

FONTE de dados brutos: IBID.

Pretos

Branco Estrangeiro

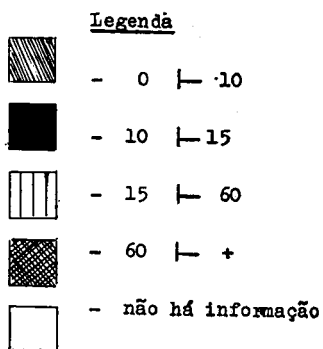
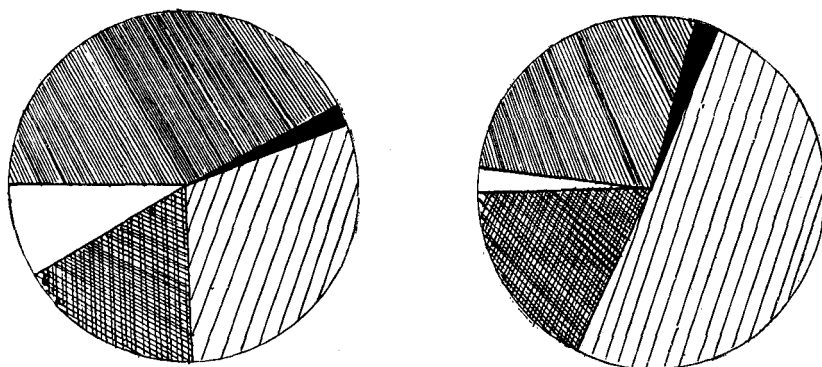


GRÁFICO 4 — Condição Social e Faixa Etária dos Pretos e Brancos Estrangeiros.
1875-1930.

nas porque encontramos nesses atestados, desde a idade de 15 anos, tanto pretos como imigrantes como trabalhadores, mas, também porque 60 anos durante êsse período era considerada idade avançada. A própria Lei dos Sexagenários nos demonstra êsse fato. Por outro lado, o índice de óbitos é altíssimo dentro dessa faixa, conforme se pode verificar na Tabela e Gráfico. Os óbitos na infância, que alargamos até os 10 anos incompletos, também é elevadíssimo e os motivos são tão evidentes que dispensam comentários.

Um melhor conhecimento do passado numa abordagem quantitativa e qualitativa do nível da mortalidade constitui um sólido ponto de apóio para elaborações futuras no campo da Demografia e Saúde Pública, dentro de um contexto sócio-econômico mais amplo. O acentuado número de passamentos de determinados grupos ocupacionais resulta da dupla influência da ocupação e das condições sociais a ela ligadas.

Êsse alto índice de óbitos atrasou o surto de progresso da região, que certamente teria sido maior, privando o Município e o país de braços e de trabalhadores e diminuindo as possibilidades do mercado consumidor.

Os dados transferidos na *Fôlha Padrão* (17) repetem de forma exata o que nos informa o atestado. Por exemplo: em relação à idade, transcrevemos os termos *inocente* e *menor*, sem procurar agrupá-los, uma vez que, no decorrer do longo período que abrange nossa pesquisa, tais critérios variaram.

Por se tratar de *atestados de óbito*, as referências às profissões tanto do indivíduo como se seus pais não são sempre completas. Achamos interessante conservar os nomes das profissões mesmo quando o índice quantitativo era pouco expressivo para dar uma idéia da pequena especialização da mão-de-obra. Agrupamos ape-

(17). — O primeiro problema surgido no decorrer da pesquisa foi o da limpeza, seleção e organização do material por ordem cronológica. A seguir fêz-se nova triagem estabelecendo dentro da divisão cronológica um critério de côr e nacionalidade. Cada *Fôlha Padrão* foi numerada com número correspondente ao documento, pois, dessa forma servirá ainda como ficha do documento. Êsse trabalho demorado e paciente, realizado por nossos alunos foi parte complementar prática e obrigatória do Curso teórico que ministramos durante três semestres sobre questões relativas à escravidão e à imigração. Concluída esta etapa iniciou-se a segunda, a da codificação. Êsse minucioso e exaustivo trabalho foi verificado e conferido inúmeras vezes para evitar qualquer possibilidade de erro. Uma última revisão foi realizada por grupos de alunos voluntários, não inscritos no Curso optativo de História, mas com experiência em pesquisas de natureza quantitativa e orientados pela professora de Estatística. Como resultado dessas contínuas e cuidadosas revisões a percentagem de erros sobre 4.170 *atestados de óbito* foi de 0%, acusado pelo computador.

nas aquelas que constituíam de certa forma sinônimos, como por exemplo *colono* (serviço de roça, serviço de lavoura, lavoura, serviço do eito, etc). Na categoria *comerciantes* incluímos negociantes, agências, empregado comercial.

Curiosamente na classificação do estado civil não encontramos nenhuma indicação de situação irregular perante a Lei, apenas Solteiro, Casado e Viúvo. Provavelmente no ítem *Não há informação* estariam incluídas tais situações.

O problema especializado da *causa mortis*, o mais rico em informações levou-nos a agrupar as causas da mortalidade em treze itens: 1. — doenças peculiares à primeira infância, 2. — causas maternas; 3. — tumores ou neoplasias; 4. — doenças do aparelho respiratório; 5. — doenças infecciosas e parasitárias; 6. — varíola; 7. — tifo; 8. — febre amarela; 9. — doenças do sistema circulatório; 10. — acidentes em geral; 11. — outras; 12. — não há informação; 13. — não se aplica (18).

A seguir, a *Fôlha Padrão* passou por um processo de mecanização com a perfuração de cada fôlha em cartões IBM, ou seja, a transcrição de cada documento em cartões perfurados (19).

Os *atestados de óbito* em número de 4.170 documentos foram assim distribuídos (20):

	Nº	%
Prêtos	2.170	52,0
Mulatos	147	3,5
Branços Estrangeiros	1.570	37,7
Branços filhos de Estrangeiros	284	6,8
Total	4.171	100,0

(18). — Classificação realizada segundo a orientação do Doutor Ruy Laurenti, do Departamento de Estatística Aplicada, da Faculdade de Higiene e Saude Pública e do Departamento de Medicina Interna da Escola de Medicina da Universidade de São Paulo. Pesquisador responsável da área de São Paulo, no Projeto de Investigação da Mortalidade Infantil, patrocinado pela Organização Panamericana de Saúde.

(19). — A parte técnica dessa pesquisa foi realizada por especialista do Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho" do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério de Educação e Cultura e da Universidade de São Paulo, D. Zileide Vitorello Vianna.

(20). — A apuração desses dados foi realizada por um computador de 3ª Geração BURROUGHS B-3.500, do Centro de Computação Eletrônica do Instituto de Matemática e Estatística (Universidade de São Paulo) e a *charge* utilizada foi a de 4301.

A programação desse estudo, segundo o Sistema TAB, contou com as seguintes fases:

1. — Verificação da Identificação dos cartões;
2. — Verificação da validade dos códigos correspondentes a cada variável;
4. — Apuração das frequências dos valores das variáveis;
5. — Elaboração de tabelas de contingência com a percentagem por linha e por coluna.

Os resultados da pesquisa baseada na mão-de-obra preta e estrangeira que estamos apresentando neste *VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História* utiliza documentação que diz respeito aos pretos e aos brancos estrangeiros e que perfaz um total de 3.740, ou seja, 89,7% do total de 4.171 atestados apurados pelo computador (21).

Esses dados gerais, quando totalmente analisados e comparados com os Recenseamentos relativos ao período, possibilitarão um melhor conhecimento de problemas que a simples leitura dos casos já nos permitiu intuir, e que ainda são de grande atualidade. A alta proporção de óbitos nessa massa trabalhadora relaciona-se com a carência de instrução decorrente da falta de meios para educar-se, o que economicamente significa a sua não especialização como trabalhador, coartando sua ascensão profissional e dificultando sua melhoria social. Isso teve repercussões sobretudo no campo da higiene e da saúde pública, prejudicando essa população sacrificada.

Em certos aspectos, essa pesquisa nos mostra a situação provavelmente comum a muitos municípios paulistas e os informes que eventualmente poderá nos fornecer possibilitam uma análise da História em termos locais, enquadrado no contexto nacional.

A reformulação do trabalho histórico visando proporcionar dados práticos em nível de planejamento com a utilização da moderna tecnologia não é apenas uma experiência, mas uma necessidade, conforme demonstrou brilhantemente o professor doutor Francisco Iglésias na *XXIII Reunião da Sociedade para o Progresso da Ciência*. Embora o trabalho histórico dentro dessas novas técnicas se

(21). — No *Encôntro Internacional de Estudos Brasileiros — I Seminário de Estudos Brasileiros*, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo iremos apresentar dois trabalhos em continuação ao que ora tivemos oportunidade de expor. O primeiro sobre os Brancos estrangeiros, de Julita M. L. Scarano terá como título *Comentários sobre imigrantes que demandaram uma zona cafeeira: 1875-1930* e o outro sobre os Pretos, de Jeanne B. de Castro: *Considerações a respeito da população escrava e liberta em um período em mudança: 1875-1930*.

torne ainda mais complexo, assume contudo aspectos que consideramos altamente positivos, além de oferecer entrosamento harmonioso entre as diversas instituições e seus especialistas, num diálogo aberto que a pesquisa histórica em termos tradicionais raramente proporciona (22).

É a História encaminhando-se num sentido democrático e atual do estudo da população, não apenas em seu aspecto quantitativo, mas complementando-o com um estudo qualitativo.

Em nossa época a História se encaminha no sentido de procurar conhecer as transformações sofridas pelas comunidades humanas. O foco de interesse passa a ser a comunidade e em última análise, o povo.

*
* *
*

APÊNDICE I.

ATESTADO DE ÓBITO.

PRÊTO.

FOLHA PADRÃO.

	TRANSCRIÇÃO	COLUNAS	CÓDIGO
Número	242	1- 4	0242
Côr	Prêto escravo	6- 7	14
Sexo	masculino	8	3
Idade	54 anos	9-10	09
Ano de Nascimento	1833	11-13	833
Mês da Morte	março	14-15	03
Ano da Morte	1887	16-17	87
Estado Civil	casado	18	3
Profissão do Indivíduo	lavrador	19-20	24
Filiação	Não há informação	21	1
Procedência dos Pais	Não há informação	22-23	01
Procedência do Indivíduo	África	24-25	01
<i>Causa Mortis</i>	acidentes em geral	26-27	12
Local de Trabalho	Fazenda Santa Gertrudes	28-29	10
Profissão do Pai	Não há informação	30-31	01
Assistência Médica.	Não há informação	32-33	01

(22). — Um trabalho como este é de equipe e colaboração. Por isso agradecemos ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Dr. Antônio Buschinelli, ao Sr. Célio Escher, Diretor Administrativo, aos colegas e funcionários da Faculdade em Rio Claro (SP), bem como aos colegas da Uni-

APÊNDICE II.
 ATESTADO DE ÓBITO.
 BRANCO ESTRANGEIRO.
 FOLHA PADRÃO.

	TRANSCRIÇÃO	COLUNAS	CÓDIGO
Número	139	1- 4	0139
Côr	Branco estrangeiro	6- 7	05
Sexo	masculino	8	3
Idade	26 anos	9 10	06
Ano de Nascimento	1866	11-13	866
Mês da Morte	abril	14-15	04
Ano da Morte	1892	16-17	92
Estado Civil	casado	18	3
Profissão do Indivíduo	colono	19-20	09
Filiação	Não há informação	21	1
Procedência dos Pais	Itália	22-23	14
Procedência do Indivíduo	Itália — Província (?)	24-25	34
<i>Causa Mortis</i>	Doenças do sistema circulatorio	26-27	11
Local de Trabalho	Fazenda Boa Vista, neste distrito	23-29	39
Profissão do Pai	Não há informação	30-31	01
Assistência Médica.	Não há informação	32-33	01

* * *

versidade de São Paulo [Faculdade de Higiene e Saúde Pública, Centro de Computação Eletrônica do Instituto de Matemática e Estatística e também ao Centro de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho" do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Ministério da Educação e Cultura)] a quem esperamos agradecer especificamente na oportunidade da publicação dos resultados finais dessa pesquisa. Participaram também neste trabalho durante três semestres, férias e feriados em tôdas as suas fases, os seguintes alunos: Paulo Eduardo Cabral, Frauke Lenk, Antônia Petrucci, Aparecida da Glória Aissar, Marilza S. Mendonça, Maria Aparecida R. Pereira, Benedita Delma Morostegan, Maria Angélica R. Munhoz, Linei Rodrigues Romaneli, Amélia Elias. Colaboraram também Lígia D'Aquino Escrivão, Marília E. M. Marcondes Ferreira, Maria Inês Ambrosano, Dusolina A. C. Bianchi, Maria Lúcia R. Jordão, Maria Therezinha R. Azevedo, Yara S. Soledade, Abílio Clemente Filho e a licenciada Sílvia M. Giovanni. Trabalharam na codificação: Lúcia H. Manelli Rizzoli, Ademil Lopes, José Roberto Cosmo, Maria Elizabeth Rondelli, Margareth Nicoletti e Aurea Dias, que também realizou os gráficos.

BIBLIOGRAFIA.

- BERQUÓ (E.), M. Lucila Milanesi e Ruy Laurenti. — *Estatística Vital*, 8ª ed., São Paulo: 1971 (mimeografado).
- CASTRO (Jeanne Berrance de), "A Organização de um arquivo local: uma experiência", *Revista de História*, nº 62, São Paulo. 1965.
- Idem*, O "Povo em Armas" *Guarda Nacional, 1831-1850* (mimeografado).
- Idem*, e J. S. Witter. "Arrolamento das fontes primárias de Rio Claro", *Revista de História*, nº 58, São Paulo, 1964.
- CHAVES (Elias A. Pacheco) e outros. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Central de Estatística*, São Paulo: Typ. King, 1888.
- Classificação Internacional de Doenças*, Revisão 1955, vol. I, Washington: Organização Panamericana de Saúde, 1964.
- Classificação Internacional de Doenças*, Revisão 1955, vol. II, Washington: Organização Panamericana de Saúde, 1966.
- Conferencia Regional Latinoamericana de Población*. México: Unión para el Estudio Científico de la Población, Comisión Econômica para América Latina, Centro Latinoamericano de Demografia, El Colegio de Mexico, 1970 (mimeografado).
- DAVATZ (Thomaz), *Memórias de um colono no Brasil, 1850*, trad., pref. e notas de Sérgio Buarque de Hollanda. São Paulo. Editora Martins, 1941.
- DINIZ (Diana Maria de Faro), *A Lavoura cafeeira em Rio Claro na segunda metade do século XIX* (mimeografado). Pesquisa financiada pela FAPESP. 1969.
- HENRY (Louis), *Manuel de Démographie Historique*, Genève: Librairie Droz, 1967.
- HOLLANDA (Sérgio Buarque de), *As Províncias do Sul — São Paulo*, in *História da Civilização Brasileira — Brasil Monárquico*, 2º vol., t. II, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964, p. 432.
- MARCÍLIO (Maria Luiza), *La ville de São Paulo — peuplement et population (1750-1850) d'après les registres paroissiaux et les recensements anciens s. I.*: Publicación de l'Université de Rouen, s. d.
- MÜLLER (D. P.) (Mal.), *Ensaio de um Quadro Estatístico da Província de São Paulo*. São Paulo: Typ. de Costa Silveira, 1938.
- RECENSEAMENTO DE 1872. (sem página de rosto).
- SCARANO (Júlia M. L.), "Considerações preliminares sobre uma cidade de imigração teuto-italiana e os efeitos do segundo conflito mundial", *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, Pôrto-Alegre, 1967.

TSCHUDI (J. J. von), *Peregrinações pela Província de São Paulo, 1860*, pref. de A. de E. Taunay. São Paulo: Editora Martins, 1953.

VILAR (Pierre), "Pour une meilleur compréhension entre économistes et historiens. "Histoire quantitative ou économétrie rétrospective?" *Annales*, t. CCXXXIII (avril-juin, 1965).

* * *

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Lycurgo de Castro Santos Filho* (FFCL/UCC. Campinas. São Paulo).

Disse estar interessado nos atestados de óbito analisados e desejaria saber se foram assinados ou firmados apenas por médicos ou também por curandeiros, farmacêuticos ou curiosos da medicina.

*

Da Prof^a *Beatriz Pellizzetti* (ICH/UFP. Curitiba. Paraná).

Declara que gostaria de ter um escarcimento a respeito do número de estrangeiros em relação aos pretos.

*

Da Prof^a *Bárbara Levy* (ICH/UFF. Niteroi. Rio de Janeiro).

Disse que não ficou clara a proporção desses atestados de óbito em relação ao conjunto da população.

Pergunta também se o período escolhido foi totalmente coberto por esses atestados, sem que houvesse falhas de um ou mais anos.

* * *

RESPOSTAS DAS PROFESSORAS JEANNE BERRANCE DE CASTRO E JÚLIA MARIA LEONOR SCARANO.

Ao Prof. *Lycurgo de Castro Santos Filho*.

Declararam que o texto responde parte da pergunta, isto é, o que diz respeito aos médicos e farmacêuticos. Resta apenas esclarecer que quanto aos curandeiros o tipo de documentação que analisaram (documentação 'oficial') não fornece elementos para um completo esclarecimento de tão interessante questão.

*

A Prof.^a *Beatriz Pellizzetti*.

Afirmam que complementando o texto, podem afirmar que além da diversidade dos dois grupos quanto à forma de encarar o trabalho, os estrangeiros procuravam fundar associações de auxílio mútuo, como por exemplo a *Società Italiana di Mutuo Soccorso*, que resolviam, em parte, o problema de desemprego ou indigência.

*

A Prof.^a *Bárbara Levy*.

Esclarecem que, conforme ficou expresso no texto, não elaboraram ainda uma comparação entre o número de óbitos e os Censos do período, pois a comunicação apresentada é o início de uma pesquisa de maior envergadura, onde êstes e outros aspectos serão abordados.

Declararam ainda que não encontraram em ano algum ausência total de documentação com referência a todos os grupos estudados, faltando às vêzes informação de um e de outro grupo, sem simultaneidade.